

# O IMPACTO CULTURAL DOS SEBOS EM NATAL/RN NA DÉCADA DE 1980: Uma contribuição para a vida cultural da capital do Rio Grande do Norte



<https://doi.org/10.21680/1984-817X.2025v1n01ID38428>

Olinto Renan de Souza

## RESUMO:

O artigo trata dos primeiros resultados de uma pesquisa que busca compreender o espaço dos sebos como um local que mais que um comércio é também um ambiente de atividade cultural e que ajudou na promoção de eventos como a I Feira de Sebos de 1987 e suas edições posteriores. O trabalho tem como principais fontes os recortes de jornais como “O Diário de Natal” e “Tribuna do Norte”, nos quais eram anunciados os eventos promovidos pelos sebos, e também entrevistas com sebistas, em que estes relatam suas experiências dentro dos sebos, assim como influência em suas vidas profissionais e sociais. O recorte temporal da pesquisa é da década de 1980, com passagens pelo início dos sebos em Natal, que teria se dado entre as décadas de 1930 à 1950 com os primeiros sebistas da cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sebos; contracultura; Natal; década de 1980.

THE CULTURAL IMPACT OF SEBOS IN NATAL/RN IN THE 1980S: A contribution to the cultural life of the capital of Rio Grande do Norte.

## ABSTRACT:

This article presents the first results of a study that seeks to understand the space of second-hand bookshops as a place that is more than a place of commerce, but also an environment for cultural activity and that helped promote events such as the 1st Second-Hand Book Fair of 1987 and its subsequent editions. The main sources of the study are newspaper clippings such as “O Diário de Natal” and “Tribuna do Norte”, which advertised events held by second-hand bookshops, and also interviews with second-hand bookshop owners, in which they describe their experiences within the second-hand bookshops, as well as their influence on their professional and social lives. The time frame of the study is the 1980s, with references to the beginning of second-hand bookshops in Natal, which would have occurred between the 1930s and 1950s with the first second-hand bookshops in the city.

**KEYWORDS:** second-hand bookstores; counterculture; Natal; 1980s.

## ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

## Introdução

O significado do termo “sebo” possui diversas origens que foram sendo transmitidas ao longo dos anos, mas uma das definições mais conhecidas e encontradas em alguns dicionários é a de que o sebo é um lugar de alfarrabistas. Alfarrábio possui origem árabe, provém do antropônimo árabe Al-Farabi, um filósofo muçulmano, nascido no Turquestão, que viveu em Bagdá e que, por seus conhecimentos e reputação de grande leitor de documentos antigos ou velhos, de pouco préstimo ou valiosos, raros ou comuns. (SANTOS, 2005. p. 29). Porém, a origem mais conhecida e difundida do uso do termo “sebo” para designar a venda de livros usados é de um período anterior ao uso da energia elétrica, quando eram utilizadas velas para a leitura dos livros durante a noite. Essas velas produzidas de sebo acabavam derretendo e ensebando os livros, que depois seriam vendidos por alfarrabistas, dando a esse tipo de comercialização a denominação de sebo.

Os sebos, com o passar do tempo, se tornaram um espaço com significado maior, muito além de um local de venda e troca de livros usados. O sebo é um lugar de sociabilidade, onde muitas pessoas vão em busca de conversar assuntos que as atraem entre outros diversos temas. Jean Baechler conceitua sociabilidade como:

a capacidade humana de estabelecer redes, através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular as informações que exprimem seus interesses, gostos, paixões, opiniões...: vizinhos, públicos, salões, círculos, cortes reais, mercados, classes sociais, civilizações... (BAECHLER, 1996. p. 65-66).

Dentro dos sebos ocorre a criação de redes, desde artísticas até comerciais. Muitos movimentos culturais de Natal se iniciaram nesses estabelecimentos, pois o ambiente deles proporcionou o encontro de diversas mentes criativas que dariam início às expressões de artes como bandas de rock, jornais alternativos e fanzines. Além disso, esses locais promovem encontros entre colecionadores, já que o sebo

## ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

proporciona que adquiram novos colecionáveis e também trocas de objetos de desejo comum entre eles.

Podemos também classificar o sebo como uma heterotopia, conceito apresentado por Michel Foucault, que trata de espaços e lugares alternativos. Em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis. (FOUCAULT, 2013. p. 24). Essa conceituação de Foucault encaixa-se perfeitamente para descrever o ambiente dos sebos, já que temos uma variedade enorme de objetos que se contrapõem e que normalmente não estão disponibilizados num mesmo lugar. Como por exemplo: móveis antigos, aparelhos sonoros de diversas gerações, quadros de artistas locais entre uma série de produtos incomuns no mesmo local. Além disso, o espaço do sebo proporciona aos seus diferentes frequentadores o encontro entre as suas variadas opiniões, que geram debates sobre diversos temas: política, arte, música, futebol, entre outras temáticas.

Na década de 1930, Natal se destacava como uma das poucas capitais do país a possuir um sebo. Segundo Fernando Wanderley, em seu texto “A Importância dos sebos para a educação, cultura e lazer: Histórico sobre os sebos de Natal”, o primeiro sebista da capital do Rio Grande do Norte teria sido João Nicodemos de Lima, que chegou à cidade na década de 1920 como funcionário da Agência Pernambucana, uma distribuidora de revistas daquela época. Após um curto período nesta agência, João Nicodemos decidiu sair e criar seu próprio comércio de livros. O sebo de Nicodemos se localizava no 1º andar, nº 45 na Av. Tavares de Lyra na Ribeira, de acordo com o “Guia dos Sebos de Natal & Afins” de Abimael Silva (1998); o comércio de Nicodemos se tornou ponto de encontro de grandes intelectuais da época dos quais ele ficou amigo, como por exemplo: Luís da Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo, Hélio Galvão entre outros.

Para análise, por meio destes textos do “Guia dos Sebos de Natal” se pode perceber quem era o público no início dos sebos, quem tinha acesso aos livros.

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Nesse caso, durante as décadas de 1930-50, existe um enobrecimento do sebo a partir das figuras intelectuais que o frequentavam. Com o passar dos anos foram surgindo novos sebos em Natal, como o de José Fidélis Coutinho, mais conhecido como Cazuza, vindo da Paraíba em 1950, em busca de oportunidade de trabalho como pintor de paredes. Cazuza, após não conseguir chances nessa área, decide abrir um local de vendas de livros ao lado do antigo Mercado da Cidade Alta e após um tempo ganhou um ponto dentro do próprio Mercado, local onde se estabeleceu e se tornou por muito tempo um dos principais sebos da cidade até que ocorreu um incêndio no Mercado na década de 1960<sup>34</sup>. O incêndio obrigou Cazuza a ir para as ruas. Primeiro, na rua Ulisses Caldas, esquina com a Av. Rio Branco e depois por trás do Banco do Brasil, num terreno pertencente ao Banco de Minas Gerais, como relatado no “Guia dos Sebos de Natal”. Cazuza não teve mais tranquilidade após ir trabalhar nas ruas, já que era perseguido pela Prefeitura que o considerava um camelô.

“Porque Cazuza não era de ganâncias, seu lucro era baixo... Muito estudante pobre adquiriu ali brochuras didáticas que não podia comprar nas livrarias da avenida Rio Branco”<sup>35</sup>. Esta afirmação de Berilo Wanderley em crônica publicada no jornal Tribuna do Norte na época da morte de Cazuza em 1979, também se encontra nos relatos do “Guia dos Sebos de Natal” de Abimael Silva. A partir dessa homenagem se pode notar uma diferença entre o comércio de Cazuza e de seu antecessor João Nicodemos: o sebo de Cazuza era um sebo das ruas, de certa forma marginalizado, porém de acesso mais amplo, permitindo classes menos favorecidas terem acesso de custo acessível aos livros. Além disso, Berilo Wanderley, na mesma crônica, afirma que não imagina como continuaria a venda de livros usados em Natal, destacando que existem poucas alternativas de compra de livros usados na cidade, usando o Rio de Janeiro e Recife como pontos centrais de sebos.

---

<sup>34</sup> DIÁRIO DE NATAL, N°7912, 1967.

<sup>35</sup> TRIBUNA DO NORTE, N°294, 1979.

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

## A contracultura em Natal, 1970-1980

Antes de entrarmos no que se diz respeito à década de 1980, analisaremos o que antecede esse período. No trabalho de Edmilson Lopes Júnior intitulado “A Construção social da cidade do prazer Natal”, Lopes Junior faz uma análise do crescimento urbano de Natal durante o século XX, assim como o seu turismo. O autor traz uma análise sobre as transformações urbanas que Natal passou na década de 1970. Um aspecto que Lopes Júnior apresenta é a da via costeira e o investimento no turismo praiano que foi desenvolvido nesse período da década de 1970. O resultado desse investimento que iremos notar na década de 1980 é o uso da praia para além de um atrativo turístico para as pessoas que vem de fora da cidade, mas também um ponto de uso cultural dos natalenses para a expressão de sua arte através de festivais artísticos como o Festival de Artes no Forte dos Reis Magos, bares como o Bodega da Praça eram pontos de troca de ideias, discussões políticas e apresentações musicais de artistas locais.

Os sebos ainda não eram conhecidos como *sebos* nesse início com João Nicodemos e Cazuza. O termo só passou a ser usado de modo decidido nas décadas de 1970 e 1980, período em que esses estabelecimentos se fixaram em Natal tornando-se pontos de encontro de leitores assíduos, fãs de vinis, entre outros artigos comercializados pelos sebos. Foi nessa época que os sebos saíram de seus pontos fixos e foram parar em eventos importantes como o Encontro Conviver, que ocorria no Centro de Convivência da UFRN, em que além da feira de sebos havia ali apresentações teatrais, exibições de filmes/documentários e palestras com a participação de grandes nomes como por exemplo a participação do sociólogo Gilberto Freyre em 1984<sup>36</sup>. No livro “Guia dos Sebos de Natal e Textos afins”, do sebista e editor Abimael Silva, são apresentados diversos relatos de clientes e amigos como os de Falves Silva contando como conheceu Cazuza, além dos relatos de Anchieta Fernandes, Carlos Souza, entre outros que começaram a frequentar os

<sup>36</sup> DIÁRIO DE NATAL, N°223, 1984.

### ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

sebos nesse período em que estavam surgindo os novos sebos, como por exemplo o Sebo Vermelho do próprio Abimael. Nessa seleção de textos organizados por Abimael, há os relatos de como esses sebos impactaram a vida das pessoas, possibilitando o acesso facilitado aos livros raros e vinis por um bom preço, além de toda experiência cultural vivida nesses espaços, como o de J. César Carvalho: Mas o sebo não se resumia somente à compra ou troca de livros usados. Lá eu encontrei muitas pessoas interessantes com quem eu trocava ideias sobre todos os acontecimentos políticos, econômicos e sociais da época. (SILVA, 1997. p. 189).

Muitos frequentadores carregam suas histórias com os sebos como lembranças de momentos vividos ao lado de outras pessoas, como o exemplo do encontro de Leilton Lima com uma namorada no sebo, que também consta no “Guia dos Sebos de Natal”:

Naquele tempo fiquei a imaginar como introduzi-la no que ela considerava o “meu mundo”. Foi assim que ela conheceu o sebo. Certamente um dos principais portais para se chegar à cidade paralela. Levei-a ao portal que foi o Espaço Cultural Jorge Fernandes, no Beco da Lama, ansioso pela sua reação. Ela olhou tudo com interesse. E eu de guia, naquele espaço apertado falando sem parar. (SILVA, 1997. 206).

A segunda metade do século XX ficou marcada por movimentos de contracultura, que tiveram seu ápice nas décadas de 1960 e 1970, principalmente nos EUA. No trabalho de Artemilson Lima “Escaladas da Contracultura: Natal, década de 1980”, é mostrado como esses movimentos contraculturais traziam a quebra de paradigmas de forma visceral junto de um pensamento vanguardista. Um dos movimentos de expressão e contracultura foi o jornal alternativo “Delírio Urbano”, idealizado pelo poeta Carlos Astral, que uniu diversos poetas e artistas da época para construir um meio de expressar seus trabalhos e ideias que representavam aquela geração de jovens que buscavam liberdade de ser expressar, trazendo um pouco sobre a vida urbana natalense. O “Delírio Urbano” foi um marco e após quase 30

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

anos de sua criação foi publicado um livro de recortes do jornal organizado por Afonso Martins, Márcio Simões e Abimael Silva, publicado pelo Sebo Vermelho. Um movimento artístico de destaque desse período foi o Festival de Artes do Natal, este evento era organizado num ponto histórico de Natal: o Forte do Reis Magos. Esse festival, iniciado em 1978<sup>37</sup>, foi precursor de muitos outros que iriam surgir em Natal e foi um marco daquele período de busca por liberdade artística. O festival apresentou ao longo dos anos diversas atrações entre apresentações de dança, artes plásticas, artesanato, bandas de Heavy Metal, além de outros estilos musicais nele era apresentado, Lima afirma que Natal possui esse lado vanguardista em seus movimentos e manifestações:

Em um contexto paradoxalmente marcado pela animação juvenil para produzir cultura, de um lado, e as dificuldades de financiamento, além do limitado apoio logístico e material, do outro, os coletivos parecem que funcionavam como atractores numa das pontas de tensão do cabo de guerra que era produzir cultura underground na cidade de Natal no final da década de 1970 e durante 1980 (LIMA, 2017. p, 161).

A cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, sentiu os efeitos de uma geração que buscava transformação; a música que estava em evidência nesse período era o Rock, e esse sempre esteve ligado aos sebos. Na II Feira de Sebos, em 1988, houve diversas homenagens ao músico roqueiro Edu Heavy, falecido naquele ano<sup>38</sup>. A arte estava presente na busca por liberdade de expressão e os sebos eram pontos de encontros para se conversar com mais pessoas que buscavam boas leituras, trocar conhecimentos e criar laços de amizade. Os sebos de Natal têm seu próprio público a partir de então: são pessoas que buscam um local para expressar todas as ideias que vêm surgindo nesse período de transformação da juventude. Foi nesse contexto que nasceram o Cata Livros, o Sebo Vermelho, Sebo Balalaika, entre muitos outros que fizeram parte desse grande movimento que mudou não só a forma de se comercializar livros, mas também o significado de frequentar um sebo e, além disso,

<sup>37</sup> DIÁRIO DE NATAL, N°10629, 1978.

<sup>38</sup> DIÁRIO DE NATAL, N°161, 1988.

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

ajudou a expandir os horizontes e se permitir a ir além de um ponto comercial, levando o sebo para as praças e universidades como a UFRN.

O movimento dos sebos estava além de Natal, estava também presente em outras capitais nordestinas como Recife/PE, cidade que sempre possuiu uma grande valorização e conservação de sua cultura. No início da década de 1980, foi construída uma praça no intuito de servir de um ponto comercial específico para os sebos da cidade funcionarem. A praça conhecida como “Praça dos Sebos”, está localizada no coração da grande Recife, no bairro Santo Antônio, fato que é trabalhado em “A ressignificação da praça pública e do sebo como lugares de mediação cultural”, de Hélio Márcio Pajeú e Ana Carolina Correia Sobral, que fazem uma análise sobre o uso de espaços urbanos como as praças para a defesa da cultura. Podemos fazer a ligação dessa praça de Recife com o uso da Praça André de Albuquerque para a criação da Feira de Sebos pelos sebistas de Natal, tendo como diferença a perda desse espaço pelos sebistas após o fim das feiras, que ocorreram entre 1987-2007.

### **Na opinião dos sebistas**

Uma das principais fontes deste trabalho foram as entrevistas orais cedidas por sebistas e frequentadores de sebos. Ao todo foram 6 entrevistas, das quais apresento 4. Através delas pode-se ter um panorama de quem viveu e encabeçou o movimento dos sebos na década de 1980. Porém, as fontes orais trazem consigo certas problemáticas: as interpretações pessoais e suas visões divergentes sobre os mesmos acontecimentos. Pois cada sebista traz consigo vivências particulares e saudosismo da época relatada, vivências que por vezes vão fazer parte de um todo, mas que vão se diferenciar uns dos outros. Alessandro Portelli trabalha em seu texto “O que faz a história oral diferente?” as dificuldades e resultados que são obtidos através dos relatos orais e os resultados que ocorrem através da mistura de narrativas impressas nos relatos orais:

### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

O resultado são narrativas nas quais a fronteira entre o que toma o lugar fora do narrador e o que acontece dentro, entre o que diz respeito ao individual e o que diz respeito ao grupo, pode se tornar mais enganosa que os gêneros escritos estabelecidos, de modo que a "verdade" pessoal possa coincidir com a "imaginação" compartilhada (PORTELLI, 1997, p. 30).

A primeira entrevista em análise foi de Vera, esposa de Jácio Torres e sebista junto a ele do Cata Livros. O Cata Livros, atualmente, é o sebo mais antigo ainda na ativa na cena natalense, originalmente administrado por Benjamin Capistrano, que segundo consta no Guia dos Sebos de Natal, foi vendido a Jácio Torres, hoje administrador, em 1986. Nessa época, Jácio já trabalhava com sebo desde a década de 1970. Em entrevista concedida por Vera e também em um dos textos do Guia dos Sebos de Natal, é afirmado que Jácio se inseriu no universo de troca de materiais usados a partir da troca de revistas em quadrinhos em frente ao antigo cinema São Luiz, onde hoje é o Banco do Brasil no bairro do Alecrim. Segundo Vera, Jácio trabalhava em uma cigaretteira localizada nesse mesmo local no final da década de 1970 e os livros foram adentrando ao comércio de Jácio. Essa demanda por um espaço maior fez com que se mudassem para o centro da cidade, ali o Cata Livros ficou localizado em frente ao IHGRN, local onde circulavam muitos poetas, intelectuais e apreciadores da cultura norte-rio-grandense. Algo a se analisar sobre os sebos é a capacidade de expansão que a maioria demonstra, o Cata Livros, por exemplo, iniciou com a troca e venda de revistas em quadrinhos, que foi se expandindo com a entrada dos livros e que mais pra frente se tornaria um dos sebos mais ativos na cena cultural, sendo um dos principais idealizadores da Feira de Sebos e que perdura até os tempos atuais participando de eventos culturais. O Sebo Cata Livros produzia jornais, trabalhava com propaganda sobre o sebo através de fanzine e ajudava a promover eventos.

A família Torres teve outros representantes no meio dos sebos, um deles foi o irmão de Jácio: Jailton Torres. Músico e sebista, Jailton também está inserido no mundo dos sebos desde a infância e início da juventude e teve um papel importante como sebista dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Jailton relata em entrevista concedida que assim como Jácio começou a trabalhar com livros junto ao tio deles em frente ao cinema São Luiz, no Alecrim. Ao ser questionado sobre como surgiu a oportunidade de administrar o sebo do Centro de Convivência da UFRN, Jailton conta que de início o Sebão, como era conhecido, era administrado pelo DCE (Diretório Central dos Estudantes). Ele conta que esses estudantes que faziam parte do movimento do DCE eram clientes de Jácio no Cata Livros e que ao ocorrer a mudança da direção do DCE, ofereceram a Jácio o ponto dentro do Centro de Convivência. Aqui podemos notar a ligação entre os sebos e os universitários.

Como muitos sebistas apontaram durante as entrevistas, a contribuição na formação de universitários é algo que orgulha todos eles e podemos notar através deste período em que os estudantes que faziam parte do DCE organizaram um sebo dentro do Centro de Convivência e que, pela forte ligação que tinham com o Cata Livros, ofereceram a Jácio o comando do sebo. Como Jácio já estava fixo no Alecrim, ele perguntou a Jailton se ele não queria ficar com esse ponto, o que ele aceitou e ali ficou por muitos anos durante a década de 1990.

Outro sebo de destaque em Natal desde os anos de 1980 até os dias atuais é o Sebo Vermelho, administrado por Abimael Silva, que, além de sebo, funciona também como editora, sendo um dos únicos sebos do país que trabalha com essas duas vias comerciais. Em entrevista concedida por Abimael, ele relata que antes de ser sebista era um assíduo frequentador de livrarias, em especial a Livraria Universitária que era localizada na Avenida Rio Branco na Cidade Alta, assim como a Livraria Clima na Ribeira. Abimael Silva afirma que sempre gostou de livros, apesar de sua família não possuir tradição de leitura. Com o passar dos anos, o seu amor por livrarias fez com que nascesse a vontade de também trabalhar com livrarias, porém, segundo Abimael, Natal sempre foi muito pobre no que diz respeito à quantidade de livrarias e também haviam poucos sebos, em comparação com outras capitais nordestinas como Fortaleza-CE e Recife-PE. Em razão das

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

tentativas falhas de tentar trabalhar nas livrarias, em especial na Clima, e esse número pequeno de livrarias, fizeram com que Abimael largasse o seu emprego de bancário e montasse o seu próprio sebo no final de 1985.

De início, Abimael começou o seu sebo com os livros de sua própria biblioteca particular, que possuía entre 500 a 600 livros. O Sebo Vermelho começou em uma cigarreira na Rua Vigário Bartolomeu próximo ao antigo Supermercado São Cristóvão e do Banco do Nordeste na Praça Padre João Maria. Foi batizado com esse nome por causa da cor vermelha que Abimael usou para pintar essa cigarreira que foi o ponto inicial do sebo. De acordo com Abimael, os sebos de Natal nunca tiveram uma grande tradição cultural, com ressalva para o primeiro livreiro/sebista João Nicodemos de Lima, que teria sido um homem muito ativo culturalmente. Teria sido o Sebo Vermelho, em conjunto com Sebo da Esquina - de Ricardo Brito, ex-funcionário da Câmara Municipal - que teria começado as articulações para promover eventos culturais. Segundo Abimael, o público do sebo nessa época era muito diversificado de trabalhadores e operários, mas também de pessoas cultas como professores universitários e estudantes.

Ainda na década de 1980, novos sebos surgiram. Um dos sebos surgidos no final dos anos de 1980 e que se firmou na década seguinte foi o Sebo Balalaika, comandado por Severino Ramos - formado em Letras e com um curso inacabado de Jornalismo - mais conhecido como Ramos. Após anos trabalhando em livrarias, iniciou no final dos anos de 1980 seu sebo, se estabelecendo em 1990 como sebista. Quando ficou desempregado, iniciou seu sebo em uma cigarreira. No início possuía um pequeno acervo de 417 livros, mas apenas livros bons e bem selecionados, já que a experiência de trabalhar nas livrarias o fez adquirir uma formação intelectual pela vivência e convivência com intelectuais da cidade como Zila Mamede, Newton Navarro, entre outros, que se reuniam aos sábados na Livraria Universitária para conversas literárias. Recebeu também a doação de mil livros de um poeta/juiz Luiz Carlos Guimarães para ajudar a iniciar seu sebo.

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

## A Feira de Sebos

A Feira de Sebo foi o ponto central para o recorte temporal da pesquisa, tendo em vista que foi o evento que consagrou essa geração de tão importantes sebistas e comprovou o espaço de relevância dos sebos dentro da cidade. Durante as entrevistas questionei os sebistas sobre esse momento, alguns relatos, como sempre, divergem, o que é normal se tratando de relatos orais de pessoas que possuem visões diferentes sobre os fatos ocorridos, mas, no fim, todos apresentam positividade ao relembrar a organização desse evento que prosseguiu por 20 anos em 10 edições.

Vera afirma que a Feira de Sebos era um verdadeiro festival cultural, com palestras e gincanas com a participação de escolas da cidade. A questão da participação das escolas é um ponto a se destacar. Os sebos sempre estiveram ligados de alguma maneira à educação, alguns fazendo a venda de livros didáticos, outros simplesmente por dar acesso a literatura de maneira mais acessível aos estudantes de baixa renda. Porém o destaque que tiveram dentro de suas feiras nesse quesito educacional é a participação desse público escolar, levando os estudantes para participar das gincanas conhecendo assim essa cena cultural natalense, dessa maneira a Feira de Sebos atingia diversos públicos.

A organização das feiras ocorriam na casa de Vera e Jácio, local onde os cinco sebos iniciais se reuniam para debater os passos e decisões que iriam tomar para a realização de novas feiras. O apoio do setor público veio por parte da Fundação José Augusto, lembra Vera. A criação da feira foi de maneira colaborativa, ali se criou o sentido de “movimento”, a maioria dos sebistas, principalmente os idealizadores da I Feira de Sebos, eram pessoas ligadas ao que estava acontecendo de mais impactante culturalmente, eram agitadores culturais através de seu trabalho e viam ali na Natal da década de oitenta, a necessidade de uma mobilização cultural como foi a da Feira.

### ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Durante a entrevista, Abimael Silva ao ser questionado sobre as primeiras feiras de sebos, Abimael se coloca ao lado de Ricardo Brito e sua esposa Socorro, a qual descreve como uma mulher muito ativa culturalmente, como os principais idealizadores da Feira de Sebos. Sobre o apoio público, Abimael relata que através dos seus contatos buscava ir de encontro com o prefeito de Natal, vereadores e secretários de cultura em busca de apoio.

Sobre a primeira Feira de Sebos, Ramos relata que a situação física foi precária, feita com barracas da feira livre emprestadas pela SEMSUR - Secretaria Municipal de Serviços Urbanos. Ramos a partir de 1990 passou a fazer parte da organização da feira junto com Abimael (Sebo Vermelho), Vera (Cata Livros) e Ricardo Brito. Em questão do apoio público da Feira de Sebos, relata que a feira sempre teve apoio principalmente do Sebrae, graças a Eduardo Viana que coordenava a agência cultural do Sebrae, que conseguia contribuir com 70% das despesas da feira durante cinco edições do evento, além de ser local para reuniões de planejamento o além desse apoio ainda conseguiam patrocínio da Assembleia, da Funcart e do Gabinete Civil. Como não havia editais de apoio culturais, os sebistas iam até esses órgãos de cultura pedir o apoio necessário para a realização da Feira de Sebos. Ramos conta que durante todas as edições da Feira de Sebos, eram todos os dias feitas apresentações de alta qualidade dentro da feira, iniciando sempre com números musicais pela manhã, como por exemplo a Orquestra Sinfônica, a Banda Municipal da Prefeitura, o Quarteto de Cordas de Oswaldo Lamoure.

A feira também possuía apresentações com ligação ao folclore, tendo em um ano conseguido trazer um grupo de Cavalo Marinho (brincadeira de dança, encenação e música popular na Paraíba e em Pernambuco), vindo de Nazaré da Mata/PE. Ainda sobre como funcionava a programação da Feira de Sebos, Ramos conta que à tarde aconteciam rodas de discussão com temas intelectuais com a participação de professores universitários, jornalistas entre outros que viam discutir temáticas como por exemplo o folclore no RN, a importância de Câmara Cascudo

#### **ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:**

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

na cultura potiguar, a poesia potiguar e seus grandes nomes, todas as discussões eram feitas em formato de mesa redonda. Havia também à tarde oficinas de reciclagem, galeria de arte coletiva e durante à noite havia os shows principais.

### Considerações finais

A pesquisa buscou apresentar a história dos sebos de Natal a partir do levantamento de relatos encontrados em jornais, entrevistas e no “Guia dos Sebos de Natal”, tendo em vista toda a evolução que os sebos de Natal tiveram, desde seu pioneirismo na década de 1930, até a ascensão na década de 1980, podemos notar a ampliação do seu público. Os sebos iniciaram dando mais uma opção para intelectuais que já tinham acesso aos livros, mas com o tempo, os sebos se tornaram a principal opção dos estudantes de baixa renda, permitindo uma certa democratização do livro. Além disso, os sebos serviram aos mais variados personagens da contracultura: roqueiros, artistas plásticos e gráficos, poetas urbanos e todos aqueles que tinham o sebo como ambiente de sociabilidade. As entrevistas apresentadas nos revelam a organização do movimento que gerou a Feira de Sebos, além dos individualismos de cada sebista e seu respectivo comércio. O resultado que se dá é o da variação, se pensarmos no conceito de heterotopia de Foucault, podemos ter a visão do sebo como um abrangente local de comunhão entre pessoas, artefatos e livros dos mais diferentes gêneros. Assim é cada sebo de Natal, uns ligados a música, outros a arte e a edição de livros, alguns ligam todas essas características se tornando um local heterotópico, diverso e independente.

### REFERÊNCIAS

- BAECHLER, Jean. **Grupos e Sociabilidade**. In: BOUDON, Raymond. Tratado de Sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p. 65-106.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

### ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

LIMA, Artemilson Alves de. **Escaladas da contracultura:** Natal, década de 1980. 2017.

SANTOS, Márcia Vidal dos. **Sebos:** espaços de informações e conquista aos leitores. 2005.

SILVA, Abimael. **Guia dos sebos de Natal & textos afins.** 1, ed. Natal: Sebo Vermelho, edições 8, 1998.

WANDERLEY, Fernando Antonio Costa. **A Importância dos sebos para a educação, cultura e lazer:** Histórico sobre os sebos de Natal – RN. 1, ed. Natal: Sebo Vermelho, 2013.

MARTINS, Afonso; SILVA, Abimael; SIMÕES, Márcio (et al). **Delírio urbano.** Natal: Sebo Vermelho Edições, 2014.

PAJEÚ, Hélio Márcio; SOBRAL, Ana Carolina Correia. **A ressignificação da praça pública e do sebo como lugares de mediação cultural.** Em Questão, vol. 25, núm. 1, 2019. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=465657930011>.

LOPES JÚNIOR, Edmilson. **A construção social da cidade do prazer:** Natal. Natal RN: EDUFRN, 2000. 186 p. (Coleção Humanas, Letras e Artes).

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Proj. História**, São Paulo, p. 25-39, 14 fev. 1997.

#### JORNAL:

Troca de acusações aumenta o mistério sobre incêndio. Diário de Natal. Natal, Quarta-feira, 1 de Fevereiro de 1967, nº 7912, p.8.

Festival de artes será “happening”. Diário de Natal. Natal, Sexta-feira, 16 de Dezembro de 1978, nº 10629, p.11.

Cazuza. Tribuna do Norte. Natal, Domingo, 11 de Março de 1979, nº 294, p.2, Segundo caderno.

Conviver tem outra apresentação. Diário de Natal. Natal, Sexta-feira, 23 de Novembro de 1984, nº 223, p.5.

Feira de Sebos vai homenagear Edu Heavy. Diário de Natal. Natal, Sexta-feira, 19 de Agosto de 1988, nº 161, p.4.

#### ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade